

Covas, Lula e Brizola esperam o voto útil.

Nestas 48 dramáticas horas que precedem o maior evento da história eleitoral do País, os candidatos fecham para balanço e um único ponto domina as discussões, de Norte a Sul do Brasil. Já que Fernando Collor de Mello é favorito disparado para o primeiro lugar, a questão fundamental está em adivinhar para que lado está soprando o que os especialistas em marketing e pesquisa já denominaram de “efeito Erundina”. O nome da síndrome talvez não seja preciso, mas seu poder de fogo é devastador: formam o “efeito Erundina” os 30% de eleitores ainda em dúvida sobre o candidato que irão escolher depois de amanhã. Significa cerca de 25 milhões de votos, mais do que provavelmente Collor de Mello vai receber neste primeiro turno. Por isso, adivinhar e tentar ser bafejado por ele resulta simplesmente na conquista da segunda e última vaga. Pela leitura das pesquisas, há poucas dúvidas de que o “efeito Erundina” — ou mais simploriamente a tese do voto útil — hesita entre três nomes: Leonel Brizola, Luís Inácio Lula da Silva e Mário Covas.

A análise das pesquisas aponta na direção do candidato do PSDB. Ele tem mantido um crescimento pequeno, é verdade, mas efetivo — e com a saída do páreo do animador Sílvio Santos, foi o único — além do líder Collor de Mello — a crescer percentualmente. Brizola se mantém há muitas semanas no mesmo patamar, indicação de que seu universo eleitoral não alcança outras galáxias. Com relação a Lula, os efeitos do

	Vox Populi			Gallup			Ibope		
	02/11	08/11	10/11	01/11	07/11	10/11	31/10	05/11	10/11
COLLOR	27,3	24,1	23	27,5	25,5	26,9	28	28	26
LULA	14,6	13,3	12,5	13,8	12,8	11,7	14	14	13
BRIZOLA	14	14,7	12,5	12,7	12,5	13,8	15	15	14
COVAS	6,1	8,1	6,5	10,6	9,5	8,9	8	8	9
MALUF	7,2	6,8	6,5	8,6	7,7	8,5	9	7	8

caso Lubeca ainda repercutem e talvez não haja mais tempo para uma reversão dessa expectativa. Mas Lula também representa a facção mais à esquerda da política brasileira, num País de eleitorado não esquerdista — só 11% dos entrevistados em recente pesquisa do Ibope se disseram de esquerda, contra 33% de direita.

Por isso, Covas embolou a disputa do segundo lugar e uma tendência migratória de votos já se observa em São Paulo e outras Capitais — basicamente de camadas de tendência liberal, alinhadas ao centro e originalmente caudatárias de nomes como Ulysses ou Afif. O PMDB liberou suas bases, que convergem para Covas; Afif não consolidou sua campanha, e seu programa de governo se aproxima do de Covas. Se continuar, essa tendência será irresistível porque foge a qualquer mecanismo de medição ou controle.

É verdade que o “efeito Erundina” tem peculiaridades que o tornam imprevisível. Eis os principais:

1. Afetou algumas das principais cidades do País. Além de São Paulo, Porto Alegre (venceu Olívio Dutra), Campinas (Jacó Bit-

tar), Manaus (Artur Virgílio), entre outras. No conjunto, somava menos de 20% dos votos em jogo nesta quarta-feira — são 82 milhões de brasileiros aptos a votar.

2. O poder estava representado claramente naquelas eleições municipais, e reconhecidamente as grandes cidades têm vocação oposicionista. Nesta campanha, o mote comum aos 21 candidatos foi manter um distanciamento crítico em relação ao presidente Sarney — incluindo Ulysses e Aureliano, representantes da coligação original da Nova República. Collor de Mello captou bem o sentimento nacional de desprezo ao governo, em particular, e aos políticos em geral.

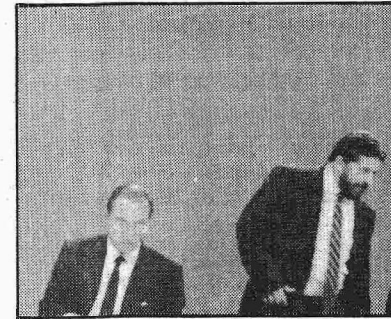
3. Um fato grave alavancou os candidatos de oposição, em 88: os incidentes de Volta Redonda. Em São Paulo, a violência da PM de Quêrcia contra professores em greve reverteu em maciça migração de votos indignados a favor de Erundina.

Os indecisos de 88 eram muitos, também. Eles oscilavam de 20% a 30%. Mas houve um número razoável que simplesmente

mudou na boca da urna. Agora, são 25 milhões de eleitores em dúvida, indecisos ou apenas perplexos. Todos, no entanto, virtualmente interessados nas eleições desta quarta-feira, como revelou o JT em sua edição de sábado (60% mostraram muito ou médio interesse, pesquisa Ibope).

Diferenças à parte, o “efeito Erundina” está outra vez no ar, invisível e inalcançável porque a campanha terminou e o trabalho possível se reduz ao proselitismo boca a boca. Nestas horas finais de segunda e terça se decide o segundo lugar do primeiro turno. E algumas cenas começam a se desenharem:

1 Utilidade de voto. Em São Paulo e nas principais cidades da região centro-sul, percebe-se um movimento de migração de votos em setores da classe média. São eleitores que receiam acima de tudo a instabilidade e por isso escolheram entre Afif, Maluf, ou mesmo Ulysses. Com as chances reduzidas desses candidatos a migração deve favorecer Covas, por exclusão: a classe média, em São Paulo ou no Rio, tem medo do que Brizola e Lula podem repre-



Lula e Maluf voltaram a brigar

sentar para seu futuro, e o do País. Em São Paulo, especialmente, eleitores de Afif se transferem para Covas, movidos antes por rejeição aos outros do que por adesão espontânea.

2. Imagem do candidato. Também apurou o Ibope, numa de suas pesquisas, que o brasileiro está farto de corrupção, mordomias, escândalos financeiros — tudo o que permeia a cena brasileira dos últimos tempos. Ele sonha na reabilitação de valores de honestidade, coragem, tenacidade. Quem melhor, entre os três embolados, preencher esses requisitos, leva o voto.

3. Segundo turno. Outra característica torna empolgante esta eleição. Ao contrário de pleitos anteriores, os hoje indecisos estão vacilando entre dois ou três nomes, o que é muito diferente de não ter candidatos. Trata-se então de apostar naquele que maior chance irá ter no duelo decisivo contra Collor de Mello. Porque, como repetem os especialistas em pesquisa, brasileiro não gosta de perder, nem em eleição. E desta vez, o segundo lugar vale a presença na final.